

Interações comunicacionais e/ou mediatizadas nos estudos de recepção¹

Communicational and/or mediatized interactions in reception studies

Maria Ângela Mattos

E-mail: mattos.maria.angela@gmail.com

Profa. Dra. do PPGCom PUC Minas.

Ellen Barros

E-mail: ellen_jmb@yahoo.com.br

Mestra pelo PPGCom PUC Minas.

Lidiane Ferreira Sant'Ana

E-mail: lidianefsantana@gmail.com

Mestra pelo PPGCom PUC Minas.

Lilian Bahia

E-mail: lilianbahia@gmail.com

Mestra pelo PPGCom Metodista São Bernardo do Campo.

Max Emiliano Oliveira

E-mail: max88mg@gmail.com

Mestre pelo PPGCom PUC Minas.

Resumo

A fim de examinar o que há de interacional nos *papers* apresentados na Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), no período de 2001 a 2010, este trabalho apresenta uma análise parcial do *corpus* da metapesquisa “A construção do capital teórico sobre os processos de interação comunicacional e/ou mediatizada nos textos apresentados nos encontros anuais da Compós durante a primeira década de 2000”, constituído pelos trabalhos do GT de Recepção. Ao traçar um panorama dos principais aportes e conceitos acionados pelos articulistas, cinco matrizes teóricas emergiram dos 40 textos desse GT que abordam a interação comunicacional e/ou mediatizada, a saber: Comunicacional, Culturalista, Sociológica, Literária e Híbrida. Conjugando empiria à perspectiva comunicacional, alcançou-se uma visão abrangente e complexa dos processos interacionais.

Palavras-chave: interação, capital teórico, metapesquisa.

Abstract

In order to examine what is interactional in the papers presented at Compós (National Association of Graduate Programs in Communication, Brazil) from 2001 to 2010, this study presents a partial analysis of the meta-research corpus on “The construction of theoretical capital about the communicational and/or mediatized interaction processes in the texts presented at the Compós annual meetings during the first decade of 2000”, made up of the works of the Work Group on Reception. Upon sketching an overview of the main contributions and concepts referred to by the papers' authors, five theoretical matrices emerged from the 40 texts of the group that discuss the communicational and/or mediatized interaction: the Communicational, Culturalist, Sociological, Literary and Hybrid ones. By combining empiricism and the communicational perspective, a comprehensive and complex view of interaction processes was obtained.

Keywords: interactions, theoretical capital, meta-research.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir o resultado parcial da metapesquisa *A construção do capital teórico sobre os processos de interação comunicacional e/ou mediatizada nos textos apresentados nos encontros anuais da*

1 O artigo é uma versão revista e atualizada do trabalho apresentado ao GT Práticas Interacionais e Linguagens na Comunicação, do XXV Encontro Anual da Compós, realizado na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, de 07 a 10 de junho de 2016.

*Compós durante a primeira década de 2000*², cujo *corpus* foi constituído por uma coleção de 136 textos³ que abor-

2 Financiada pela FAPEMIG entre 2011 e 2013, esta metapesquisa se encontra em curso tendo em vista o volume dos textos, a complexidade e diversidade de perspectivas epistemológicas adotadas por seus articulistas. A partir de 1.197 textos apresentados aos 16 Grupos de Trabalho (GTs) existentes no período, selecionaram-se os textos que abordam o fenômeno das interações mediatizadas ou não, seja em suas dimensões teórico-conceituais e/ou empírico-metodológicas. Esse universo não incluiu os *papers* indisponíveis na biblioteca do site da instituição, entre 2001 e 2010.

3 A constituição do *corpus* da metapesquisa levou em conta os GTs com maior representatividade (quantitativa e qualitativa) no universo

dam a questão das interações, encaminhados a seis grupos de trabalhos (GTs).

O objeto de análise deste artigo abrange 40 textos apresentados ao GT de Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos⁴ – o que mais concentrou trabalhos que investigam o fenômeno da interação, midiaticizada ou não. Mesmo considerando que a questão central dos trabalhos deste GT seja a recepção, encontramos número expressivo de textos que tratam da dimensão interacional nas pesquisas apresentadas. Além disso, obras e autores de referência e os próprios articulistas⁵ já indicavam desde o início daquela década a necessidade de ir além da recepção para compreender o processo comunicativo em sua multidimensionalidade, emergindo fortemente nesse contexto a problemática da interação e participação dos sujeitos sociais nos processos de produção e circulação de sentidos.

Além da Introdução, este trabalho se estrutura nos seguintes itens: no primeiro, são retomados os aportes e conceitos centrais que fundamentam o capital teórico da interação comunicacional e/ou midiaticizada (IC/M)⁶. No mesmo item, discute-se o tratamento metodológico da

global dos grupos de trabalho da Compós: i) Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos (40 textos); ii) Comunicação e Sociabilidade (29); iii) Comunicação e Política (24); iv) Comunicação e Cibercultura (23); v) Comunicação e Cultura (12) e vi) Epistemologia da Comunicação (8). Levaram-se em conta também os textos classificados no parâmetro que concentrou maior número de *papers*, constituído por trabalhos que adotam a perspectiva teórica sobre fenômeno da interação comunicacional e/ou midiaticizada (IC/M) sem o uso desta expressão. Outros parâmetros de classificação dos *papers* foram: a) Adoção de perspectiva teórica sobre o fenômeno interacional com o uso da expressão IC/M; b) Uso da expressão sem adoção de perspectiva teórica sobre o fenômeno; c) Apresentação de contribuições para o capital teórico da IC/M sem necessariamente abordar o fenômeno. Posteriormente, os textos selecionados foram submetidos a um roteiro com seis questões fechadas e duas abertas, elaborado com o intuito de identificar e analisar as perspectivas adotadas pelos articulistas acerca do fenômeno e do capital teórico da IC/M.

4 Para fins de abreviação, cita-se apenas o primeiro nome do GT *Recepção*, Usos e Consumo Midiáticos por sintetizar o objeto central de estudo.

5 Optou-se por utilizar o termo articulista para se referir aos autores dos *papers*, diferenciando-os dos autores de referência dos textos analisados.

6 Importante ressaltar que a perspectiva epistemológica da metapesquisa bem como os aportes teóricos foram objetos de discussão e reflexão em diversos eventos da área, artigos publicados e outros projetos de pesquisa, a saber: o projeto de pós-doutorado da coordenadora do grupo de pesquisa realizado em 2013 na Universidade Jesuíta de Guadalajara, encontros anuais da Compós em 2011, 2013 e 2015 e os artigos publicados em periódicos de Comunicação – i) “Aportes para nova visada da metapesquisa em Comunicação”. Revista *Comunicação & Sociedade* do PPGCom da Universidade Metodista de São Paulo, de São Bernardo do Campo, ano 33, n.º 57, 1º semestre de 2012, p. 199-218; ii) “Interações midiaticizadas: desafios e perspectivas para a construção de um capital teórico”. Revista eletrônica *Comunicação Midiática* do PPGCom da Universidade Estadual de Paulina, vol. 7, n.º 1, jan.-abr. 2012, p. 22-39; iii) “Estudos de Recepção: possível deslocamento para uma epistemologia das interações”. Revista *Interin* do PPGCom e Linguagem da Universidade Tuiuti do Paraná, vol. 15, n.º 1, jan./jun. 2013, p. 5-18.

metapesquisa, especialmente do recorte do *corpus*, compreendido por 40 *papers* do GT de Recepção. Em seguida, identificam-se as matrizes teóricas e suas vertentes, conceitos, autores e obras de referência que fundamentam os textos, indicando as principais contribuições e desafios para a constituição do capital teórico das interações. Nos apontamentos reflexivos finais, destacam-se os achados da metapesquisa e seus desdobramentos futuros.

1 O capital teórico das interações comunicacionais e/ou midiaticizadas

O que há de interacional e de midiaticizado nos *papers* apresentados ao GT de Recepção nos encontros anuais da Compós durante a primeira década de 2000? Essa pergunta guiou o desenvolvimento da metapesquisa e pressupõe esclarecimentos e definições para que se possa situar o objeto central dessa investigação – avaliar o processo de constituição do capital teórico em torno das interações: i) a razão de adotarmos a expressão interação comunicacional e/midiaticizada (IC/M); ii) a conceituação de IC/M, mesmo que provisória e tentativa, sobretudo se considerarmos que esse capital está em processo de construção, especialmente no que tange à interação midiaticizada.

Durante o processo de seleção, sistematização e análise preliminar dos textos, identificamos significativa diversidade de objetos e enfoques teórico-metodológicos, sendo que a noção de interação é aplicada a diversas instâncias e práticas sociocomunicativas e não apenas a ambientes técnico-midiáticos, a exemplo das interações nos espaços urbano e público, no consumo e na política, entre outras. Daí a ampliação do universo e objeto desta metainvestigação, inicialmente focada na interação midiaticizada e mediada pelos aparatos midiáticos.

Nesse sentido, outras perspectivas teóricas têm contribuído para enriquecer os aportes preliminares acerca das interações comunicacionais, entre as quais as proposições de Vera França (2001) a respeito do paradigma relacional (interacional) da Comunicação⁷. A partir dele seria possível pensar a Comunicação com olhar mais amplo, como *processo de partilha, interação*; como prática concreta de produção e interpretação de sentidos *entre interlocutores* compreendidos como sujeitos sociais; como realidade em que é possível identificar marcas simbólicas desses sujeitos e de seu contexto; como processo invariavelmente

7 Os estudos de França (2001, 2008) sobre a interação comunicativa se fundamentam no pensamento de George H. Mead, um dos fundadores do Interacionismo Simbólico/da Escola de Chicago, como também no modelo praxeológico formulado por Louis Quéré. A primeira corrente de estudos serviu de referência para revisitar os estudos clássicos sobre a interação comunicativa desenvolvidos pelos pesquisadores responsáveis pela metapesquisa.

situacional, dependente de um contexto que corresponde a “manifestações singulares da prática discursiva e do panorama sociocultural de uma sociedade – em lugar do recorte de situações isoladas” (França, 2001, p. 14).

As reflexões de Lucrecia Ferrara também foram fundamentais para relacionar o conceito de interação com a perspectiva compreensiva do campo comunicacional, a partir de suas formulações em torno da epistemologia das relações comunicativas (2003), ou ainda da epistemologia das interações (2012). Atenta aos reordenamentos gerados pela crescente consolidação dos processos de midiatização e pelo surgimento de novos regimes interacionais, a autora direciona seu olhar às características processuais das mídias que nutrem as relações comunicativas entre homens e máquinas, entre culturas e sociedade. Ferrara compreende a comunicação a partir de processos de mediação e interação em que sujeitos trocam de papéis a todo tempo, numa circularidade de caráter “vinculativo”.

Outro aporte relevante se refere ao modelo interacional formulado por John Thompson (1998), constituído por três formas de interação: face a face, mediada e quase interação mediada⁸. Ao mesmo tempo, as reflexões críticas de José Luiz Braga (2004) são essenciais para situar os limites da tipologia proposta por Thompson. Trata-se, na avaliação de Braga, de visão idealista, generalista e, portanto, limitada de interação na medida em que toma como referência as duas primeiras formas interacionais (face a face e mediada) para caracterizar o terceiro tipo. Para esse autor, além de denotar certo desprezo pelo potencial interacional dos modernos meios e tecnologias de comunicação por considerá-los monológicos, tal modelo aborda separadamente os polos da produção e da recepção. Por essa razão, ele propõe a superação da disjunção entre mídia e interação e afastamento da dimensão conversacional de modo que a “interação midiatizada” seja encontrada em suas especificidades e não em suas lacunas, diferenciando-se, portanto, as práticas de conversação das diversas situações da vida cotidiana da interação propriamente comunicativa. Tal distinção é útil para desentranhar o que há de “comunicacional” e também de “midiatizado” nas interações. Em outros termos, desentranhar esses processos não implica definir um território à parte ou objetos e métodos que sejam

8 O modelo formulado por Thompson (1998) se baseia em três tipos de interação: face a face, que pressupõe relação dialógica e direta entre indivíduos situados em contextos presenciais, denominado por modelo conversacional; interação mediada, sobretudo por meios que não perdem algumas características comuns à interação face a face (como o telefone, a carta entre outros), ou, em outros termos – apesar de a conversação mediada ser dissociada do ambiente físico e presencial entre os participantes da interação –, ela não perde seu caráter dialógico e recíproco; e quase interação mediada pelos meios de comunicação massivos – TV, rádio, etc., orientada para um número indefinido de receptores potenciais e caracterizada pelo caráter unidirecional e monológico da interação.

exclusivos da comunicação, mas, sim, desenvolver perguntas e hipóteses para além das que são formuladas pelas demais áreas de conhecimento das ciências sociais e humanas (Braga, 2011).

O conceito que articula a interação ao processo de midiatização se fundamenta em perspectiva ampla, sendo entendido pelos autores de referência da metapesquisa como um conjunto complexo de ações tanto da sociedade e suas respostas sociais aos produtos e mensagens midiáticos quanto das organizações midiáticas, empresariais, políticas, culturais e tecnológicas, entre outros. No cenário acadêmico brasileiro, as discussões em torno dessas questões ganharam mais densidade a partir das contribuições de Muniz Sodré (2002), José Luiz Braga (2001, 2004, 2010, 2011) e Antonio Fausto Neto (2008, 2015), entre outros, segundo os quais a midiatização compreende desde a forte presença da mídia na sociedade a processos que ocorrem mesmo quando não estamos em contato direto com ela. Para esses teóricos, a midiatização é a ascendência de determinada realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, criando nova ambiência cultural.

Ao demarcar a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em vias de midiatização, Fausto Neto (2008, 2015) destaca algumas distinções, a nosso ver fundamentais para se compreender a emergência da “ecologia interacional” no contexto comunicacional contemporâneo: na sociedade dos meios (século XX), as mídias teriam vocação representacional e, ao mesmo tempo, autonomia relativa em relação a outros campos sociais, exercendo função mediadora entre eles; na sociedade em vias de midiatização do atual século, as mídias perdem o lugar de mediadora e auxiliaridade passando a constituir referência engendradora no modo de ser da própria sociedade e nos processos de interação entre as instituições e atores sociais. “Tal dinâmica origina acoplamentos que estariam articulando campos e atores sociais em torno de outro regime de interacionalidade mais referido em operações de fluxos e de circuitos sócio-técnicos” (Fausto Neto, 2015, p. 251-252). Nessa ambiência, o personagem principal seria a circulação, colocando produtores e consumidores em uma mesma realidade de fluxos e de coenunciação discursiva. Trata-se, segundo o autor, de outra dimensão de alteridade regida por complexa rede técnica discursiva e por um tipo específico de interação: a tecnointeração – espécie de “prótese tecnológica e mercadológica” da realidade sensível (Sodré, 2002).

Mais recentemente, as discussões empreendidas por Andreas Hepp (2015) têm contribuído para a compreensão de abordagem contemporânea da Comunicação a partir da visada interacional. Hepp aponta a centralidade do conceito de interação para a compreensão das tradições “institucionalista” e “socioconstrutivista” de estudo sobre a midiatização. Enquanto a primeira con-

sidera que a “lógica da mídia” é central para estudar os processos de midiaticização e suas afetações nas formas de interação social, a segunda volta-se às práticas de comunicação cotidiana, incluindo suas diversas interacionalidades. Nessa perspectiva, o conceito de interação torna-se ainda mais relevante, visto que compreende o mundo social dos seres humanos como algo “construído” a partir das interações. Para o autor, a comunicação é um dos tipos possíveis de interação social e, embora existam outros, “a comunicação está interconectada com eles”. Comunicação significaria, assim, “qualquer forma de interação simbólica conduzida ou de maneira planejada e consciente ou de uma maneira altamente habituada e socialmente” (Hepp, 2015, p. 79).

Do ponto de vista metodológico, essa investigação adotou diversas estratégias, técnicas e métodos quantitativos e qualitativos⁹. Na fase atual, realizou-se a revisão dos procedimentos de classificação dos textos do *corpus*, sendo que, neste artigo, traçamos um panorama global dos aportes, conceitos e perspectivas acionadas pelos articulistas. A técnica de Análise de Conteúdo (AC) será aplicada aos textos do *corpus* em fase posterior, selecionada em virtude do amplo universo da metapesquisa e da necessidade de trabalhar, de forma articulada e transversal, o material textual em seus aspectos quantitativos e qualitativos¹⁰. Segundo Bauer (2004, p. 194), essa técnica analítica possibilita ao pesquisador “construir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles são corporificados em textos”.

Para testar o modelo de análise dos textos que compõem o *corpus* da metapesquisa, foram selecionadas as seguintes categorias analíticas dos *papers* do GT de Recepção (40 textos): i) Matrizes teóricas; ii) Conceitos e noções centrais; iii) Autores e obras de referência e iv) Perspectiva de análise e argumentação dos articulistas.

Tais categorias foram pensadas considerando o objetivo central da metapesquisa, que é investigar a construção do capital teórico das interações comunicacionais e/ou midiaticizadas nos textos da Compós durante a primeira década de 2000.

As categorias analíticas foram abordadas de modo transversal, focalizando os aspectos mais representativos de cada matriz e vertentes de estudo, construindo um panorama das perspectivas e inscrições teórico-conceituais dos articulistas.

9 Pesquisa documental e bibliográfica; uso de instrumentos de coleta, sistematização, categorização e processamento de informações no *software* NVivo; definição e aplicação de critérios de seleção e classificação dos textos que abordam a questão da IC/M, entre outros que estão sendo aplicados na fase atual da pesquisa.

10 O artigo “A interação midiaticizada nos textos da Compós na primeira década de 2000: indícios para a construção de um capital teórico”, publicado na revista *Líbero*, do PPGCom da Faculdade Cásper Líbero, ano XIX, nº 37, jan./jun. 2016, p. 43-51, apresenta o percurso e procedimentos metodológicos adotados na referida metapesquisa.

A partir da leitura de cada *paper*, buscou-se apreender suas lógicas e especificidades no tratamento do objeto investigado pelos articulistas. Buscou-se identificar notadamente suas convergências, aproximações e diferenças no que tange às matrizes teóricas e vertentes de estudo sobre os processos de IC/M¹¹.

2 Matrizes teóricas e suas vertentes de estudo

Face à multiplicidade de tradições e linhas de pensamento que dialogam entre si e com o campo comunicacional, é importante ressaltar o desafio de identificar e classificar matrizes teóricas e suas correntes de estudo presentes no campo. A experiência histórica da interdisciplinaridade vivenciada pela Comunicação junto a outros saberes das ciências sociais e humanas configura-se como outro fator que dificulta a sistematização da produção científica. Ao mesmo tempo que a pluralidade de saberes que atravessam o campo comunicacional enriquece os olhares sobre os objetos investigados, pode aumentar a fragmentação e dispersão dos conhecimentos na área presentes desde a constituição da comunicação como disciplina. Isso posto, evidenciamos a preocupação em todo o percurso da metapesquisa em formular sistemas classificatórios abertos e flexíveis capazes de apreender a complexa diversidade de saberes que passam a área, sem subsumir as questões comunicacionais nem perder de vista as tradições de pensamento que nortearam os estudos e reflexões dos articulistas do GT de Recepção.

Nessa perspectiva, foram identificadas cinco matrizes teóricas nos textos do GT de Recepção que adotam perspectiva interacional: Comunicacional, Culturalista, Sociológica, Híbrida e Literária. Essa classificação é abrangente e flexível, uma vez que cada matriz, incluindo a Híbrida, comporta diversos enfoques e vertentes de estudo. Além disso, as cinco matrizes não são estanques nem fechadas, mas se interpenetram, sendo que cada uma delas e suas respectivas teorias, conceitos, obras e autores de referência podem ser apropriados e acionados pelos articulistas sob diferentes óticas. O enquadramento teórico-conceitual privilegia, portanto, a visada do articulista e não as matrizes isoladamente.

As matrizes mais representativas desse universo são a Comunicacional e a Culturalista, reunindo 13 textos cada (26 *papers* de um total de 40), correspondendo a 65% dos textos do GT. A Sociológica concentra cinco trabalhos

11 Na etapa seguinte da metapesquisa, será realizada a articulação entre os diversos aspectos examinados nos textos de cada GT e entre os seis GTs do *corpus* a fim de identificar e analisar as contribuições dos *papers* investigados da Compós para a construção do capital teórico das IC/M.

(12,5%) e a Literária, dois textos (5%), enquanto a Híbrida¹² conta com sete *papers* no total (17,5%).

O que constitui um campo de estudos? De que forma a institucionalização de determinada matriz teórica conforma o estatuto disciplinar de uma área? De certo modo, essas questões de fronteira epistemológica são o ponto de partida para a análise das matrizes identificadas nos textos do GT de Recepção. Para se ter uma percepção mais precisa e ampla das matrizes e suas vertentes de estudo, apresentamos adiante a descrição analítica mais detida de cada uma delas.

Entendemos por matriz a perspectiva epistemológica dos articulistas dos textos investigados e suas articulações com os aportes, conceitos, noções e categorias analíticas empregados por eles, ou seja, o olhar epistemológico que conjuga a apropriação dos conhecimentos pelos articulistas às teorias, escolas e tradições de estudos que fundamentam o campo da comunicação. As vertentes de estudo, por sua vez, consistem em linhas de investigação e/ou abordagens derivadas e constituintes das matrizes teóricas. Tais vertentes consistem em clivagens e adaptações a contextos histórico-sociais e acadêmicos específicos, como também em outros enfoques gestados local, regional e/ou nacionalmente, entre outros fatores.

Comunicacional

Essa matriz compreende textos que adotam angulação comunicacional e interacional dos fenômenos investigados, independentemente de realizar interface com outros saberes, pois interessa a esta metapesquisa avaliar se tal visada tem ou não centralidade nas questões estudadas e quais perspectivas adotadas pelos articulistas. A matriz Comunicacional identificada nos textos do GT de Recepção engloba duas vertentes de estudo, a Mídiação e a Comunicação Mediada. A diferença fundamental entre elas é que a primeira aborda a mídiação como fenômeno resultante da articulação do campo midiático com outras instâncias sociais, sem necessariamente focalizar os dispositivos técnico-midiáticos, enquanto a segunda focaliza os processos de mediação por meio desses dispositivos (desde a perspectiva mais processual da comunicação à visão centrada nos meios e aparatos tecnológicos).

No conjunto de 13 textos reunidos nessa matriz, as vertentes *Mídiação* e *Comunicação Mediada* contam

¹² A categoria híbrida busca abarcar os atravessamentos entre as áreas do saber, os interesses e caminhos das pesquisas apresentadas ao GT de Recepção. Foram encontradas três diferentes formas de hibridação: Matriz Comunicacional + Culturalista, Matriz Comunicacional + Sociológica e Matriz Culturalista + Sociológica. Tal categoria será considerada na fase seguinte da metapesquisa, isto é, na etapa final de análise e interpretação dos seus resultados.

com oito e cinco *papers*, respectivamente. Em relação aos autores e obras de referência dessas duas vertentes, o semioticista argentino Eliseo Verón foi o mais mencionado, somando 12 referências a conceitos e noções relacionadas à IC/M, dentre os 48 autores referidos, sendo o texto mais citado o “Esquema para el análisis de la mediatización”, publicado na revista *Diálogos de la Comunicación* da Felafacs¹³, em 1997. Maria Cristina Mata, também argentina, é referência em oito passagens extraídas de três textos de sua autoria, recebendo maior número de menções o trabalho “De la cultura masiva a la cultura mediática”, igualmente publicado na revista da Felafacs, em 1999. O inglês John Thompson foi referenciado seis vezes com duas obras: *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, publicada no Brasil em 1998, e *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, de 1995. O brasileiro Antonio Fausto Neto se destacou em três passagens com textos distintos: “Contratos de leitura: entre regulações e deslocamento”, publicado na revista *Diálogos Possíveis*, da Faculdade Social da Bahia (FSBA), em 2007; “Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação”, apresentado ao GT Recepção, Usos e Consumo Midiáticos, em 2009, e “Epistemologia do zigue-zague” (2009). Os demais autores/obras foram mencionados uma vez cada.

Chama atenção a participação dos articulistas no contexto das discussões conceituais, evidenciando suas contribuições para a formulação de questões reflexivas e críticas sobre as formas contemporâneas de interação, enriquecendo, assim, o capital teórico (CT) da IC/M. Tal participação pode ser exemplificada com 39 passagens de autoria dos articulistas identificadas nos textos que ora traduzem e relacionam os conceitos, noções e abordagens dos autores de referência aos objetos de pesquisa, ora questionam essas definições, propondo outras perspectivas de análise do fenômeno.

Os textos ligados à vertente *Mídiação* compreendem esse fenômeno de forma abrangente, histórica e processual, decorrente do desenvolvimento sociocultural, econômico e tecnológico das sociedades ocidentais contemporâneas. Trata-se, na visão dos articulistas, de processo em construção que já tem deixado suas marcas nas dinâmicas da sociabilidade contemporânea, nos processos de subjetivação e funcionamento dos campos sociais.

No conjunto de oito textos que abordam a mídiação, sete apresentam resultados parciais ou globais de pesquisas empíricas realizadas junto aos campos sociais que adotam a lógica midiática, focalizando, sobretudo, os processos e as dinâmicas de interação com seus interlocutores. Nesse universo sobressaem-se os estudos sobre o funcionamento dos campos religioso e midiático, que

¹³ Federación Latinoamericana de las Facultades de la Comunicación (Felafacs).

abrangem três e quatro textos, respectivamente, incluindo apenas um *paper* de cunho eminentemente teórico e reflexivo acerca dos dispositivos de enunciação, interação e circulação de sentidos no cenário da sociedade midiaticizada.

Os estudos sobre a midiaticização da religião concebem tal fenômeno como processo complexo em que os dispositivos midiáticos interferem na prática dos fiéis mediante operações técnico-simbólicas e sensíveis. Os conceitos-chave dessas pesquisas dizem respeito às comunidades de pertencimento dos fiéis que não se limitam ao caráter religioso, mas se amplificam para a esfera midiática, visto que seus modos de existência e funcionamento são afetados pelo atravessamento desses dois campos.

As perspectivas dos estudiosos de referência da recepção manifestam-se em textos e contextos de discussão, notadamente aqueles que refletem criticamente acerca da insuficiência dos estudos de recepção para apreender a multidimensionalidade dos processos de produção e circulação de sentidos. Na percepção de alguns dos articulistas desse GT, a circulação deixa de ser elemento invisível ou insondável da dinâmica comunicativa para ser convertida em zona de contato entre produtores e receptores, fazendo emergir novas modalidades de “contratos de leitura” e de dispositivos interacionais. Trata-se, sobretudo, da transformação dos contratos de leitura em contratos de interação, sendo que os primeiros constroem os vínculos entre produtores e receptores, e os segundos convocam a participação dos receptores no processo de produção para atuar como coprodutores das atividades de enunciação. Apesar do reconhecimento da intervenção ativa dos receptores no processo produtivo, é oportuno ressaltar que alguns articulistas chamam atenção para seus problemas e limites, visto que o controle da enunciação “compartilhada” continua sob o poder do sistema midiático.

Nessa direção, os *papers* ligados à Midiaticização enfatizam que a recepção vai além da mídia e dos usos, apropriações e leituras críticas individuais das mensagens, na medida em que os sujeitos intervêm na configuração dos processos sociomidiáticos. Seus articulistas e autores referenciais reconhecem que tanto as mídias quanto os sujeitos individuais e coletivos produzem e organizam sentidos, como também constroem as realidades e interações sociais. Entretanto, alguns deles destacam as diferenças marcantes entre as interações que se processam na vida cotidiana, que dão a ver uma pluralidade de sentidos, e as que são conformadas pelos discursos da mídia, que buscam engendrar uniformidade de sentidos.

A vertente *Comunicação Mediada* concentra *papers* que investigam a mediação por diversos dispositivos sociotécnicos e midiáticos, desde os meios massivos até os espaços físicos, urbanos, públicos e digitais, abordando seus conteúdos, linguagens, programas e gêneros, entre outros aspectos técnico-estéticos. Nessa linha de estudos,

foram identificados cinco textos que abordam a interação mediada por rede locativa de comunicação, programa de entretenimento na TV e conversação nas redes sociotécnicas, programa educativo televisivo, TV digital e *design* gráfico de jornal impresso.

A dimensão interacional aparece em alguns textos dessa vertente que buscam ultrapassar o foco no receptor e no seu processo de leitura e interpretação dos conteúdos mediados. Chamam atenção as contribuições de alguns articulistas para o capital teórico da IC/M ao refletirem criticamente sobre a natureza “interativa” de determinados meios de comunicação e plataformas nas redes sociais, evidenciando certa incapacidade do produto midiático de circular os princípios de solidariedade e práticas sociais presentes na vida social. Além disso, criticam a suposta interatividade que caracteriza determinados gêneros televisivos.

Ainda nessa vertente, o lugar é pensado como categoria para contextualizar as mudanças nas formas de interação resultantes do desenvolvimento dos meios de comunicação até chegar às redes locativas, o que inauguraria novo modelo de interação. Percebe-se, porém, certo encantamento com os aparatos técnicos por considerá-los como espaços democráticos de livre acesso, produção, interação e compartilhamento de conteúdos e ideias entre os usuários.

A partir de olhares mais centrados nas dimensões socioeducativas das mediações, os *papers* que investigam os processos de mediação do jornal impresso e da programação educativa televisiva levam em conta aspectos instituintes e instituidores das dinâmicas interacionais.

Como se vê, a interação é concebida nos *papers* da Matriz Comunicacional sob diferentes óticas e denominações, sendo que a sua maioria vai além dos aparatos técnico-midiáticos e supera as abordagens instrumentalistas do campo comunicacional. Verifica-se, assim, que essa matriz contribui para ampliar a fortuna do CT das interações midiaticizadas e/ou mediadas, principalmente porque são pensadas em sua articulação com processos outros. Nesse prisma, a interação é compreendida como processo e mecanismo constitutivos de identidades e imaginários, de sociabilidade e sentimentos de pertencimento, de formação das memórias. Por fim, a interação é vista como instância modulada por fatores sócio-históricos, culturais, políticos, econômicos, espaciais e temporais.

Culturalista

A Matriz Culturalista se apresenta em duas vertentes: *Estudos Culturais Ingleses* e *Estudos Culturais Latino-Americanos*. Essa matriz é predominante em 13 dos 40 textos (32,5%), sendo que seis deles se afiliam aos estudos ingleses e sete aos latino-americanos. Os fatores cultural,

social e político são preponderantes nessas reflexões que envolvem as IC/M.

A participação dos articulistas vinculados às duas vertentes no contexto das discussões empíricas, metodológicas e/ou conceituais foi identificada em 14 passagens relevantes, o que evidencia suas contribuições para a formulação de questões em torno do CT das interações.

Ao todo foram identificados 51 autores/obras citados nos textos dessa matriz, sendo o sociólogo Stuart Hall o mais mencionado, somando 17 conceitos e noções relacionados à interação, extraídos de cinco textos/obras, com destaque para “Decodificação/Codificação”, do livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, de 2003.

As contribuições do filósofo Jesús Martín-Barbero, o segundo mais mencionado, se destacam em sete passagens de duas obras, sendo a mais referenciada *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, de 1997. Os demais 44 autores/obras aparecem com uma ou duas referências em passagens relevantes.

Na vertente *Inglesa*, as interações não são centrais nas abordagens dos articulistas, embora concebidas como elementos importantes para se pensar as relações entre mídia e recepção. Ainda assim, a interação tangencia conceitos e noções, como modos de endereçamento, identidade, comunidade interpretativa e de pertencimento, entre outros. Principal autor dessa vertente, Stuart Hall fornece significativa contribuição, sobretudo com o modelo *Encoding/Decoding*, que remete a momentos e práticas de produção de sentidos que acionam formas de interação entre os sujeitos sociais. O conceito de identidade cultural é pensado em seu caráter relacional, de modo que as diferentes culturas seriam as responsáveis por mover as interacionalidades amplas: não localizadas/restritas ao momento mesmo da recepção, mas diferidas espacotemporalmente.

Ainda nessa vertente, a interação se faz presente em diferentes dimensões: entre sujeitos/grupos/mídias, na ideia de encontro entre discursos (do texto e do leitor) e na diversificada resposta das audiências às mensagens midiáticas; no potencial das interações entre sujeitos e mídia televisiva de revelar matrizes culturais e modelar competências da recepção; nas relações de gênero, raça, etnia, geração acentuam-se assimetrias de poder presentes nas interações dos atores sociais entre si e com a mídia; na dimensão do cotidiano emerge como elemento para se pensar a recepção e o fluxo comunicacional; na interseção entre produção e recepção de sentidos. Por fim, alguns articulistas concebem a recepção também pelo viés discursivo em que o receptor produz e profere sentidos que só podem ser captados na sua mediação discursiva, revelada a partir das práticas culturais.

Na vertente *Latino-Americana* as interações são abordadas mais diretamente ao se pensar o conceito de mediação à luz de Martín-Barbero, principal referência no que

diz respeito à redefinição da Comunicação a partir das mediações. Tal processo envolve cultura e reconhecimento a partir da recepção, das resistências, dos usos e apropriações dos meios pelos sujeitos, de forma que se pode pensar a sociedade desde a comunicação e a comunicação desde a recepção. Questões culturalistas barberianas despontam também nas reflexões em torno do receptor como sujeito histórico, não soberano, cujas ações se dão de acordo com sua sensibilidade e inteligência, de modo que o sensível e o cognitivo são igualmente considerados. Nesse aspecto, a vertente ultrapassa questões meramente tecnológicas para alcançar noção abrangente das mediações que englobam aspectos socioculturais. As mediações são compreendidas, assim, como quadro de experiências a partir do qual as interações ganham sentido, estruturando e reconfigurando as interações entre os sujeitos e os meios de comunicação.

Destaca-se nos enfoques dessa vertente a tentativa de se romper as fronteiras entre produção e recepção, com vistas a compreender o processo comunicacional como fenômeno dialógico entre tais instâncias. Os articulistas contribuem para o CT ao argumentar, sobretudo, a ideia de que a mensagem é, em si, interacional por resultar da interseção entre os desejos e expectativas dos receptores e produtores.

Sociológica

As contribuições dos articulistas ligados à Matriz Sociológica concentram-se em sete passagens com abstrações teórico-conceituais relevantes para a construção do CT das interações. Num total de 14 autores/obras citados destacam-se, com três menções cada, Heloisa Almeida, com o texto *Telenovela, consumo e gênero*, de 2003, e Anthony Giddens, com os livros: *A transformação da intimidade*, de 1993, e *As consequências da modernidade*, de 1991. Autores clássicos como Goffman, Simmel e Schutz também aparecem nessa matriz com uma referência cada. Os demais sete autores/obras aparecem com uma ou duas referências em passagens relevantes.

As relações entre essa matriz e o GT de Recepção estão além da afinidade temática: pode-se dizer que a interação é compreendida como forma de sociabilidade mediada entre os participantes-sujeitos e seus processos de semiose e recepção socialmente referenciados e localizados. A abordagem interacional dessa matriz se aproxima daquilo que Braga (2006) nomeou de Sistema de Resposta Social, que abarca um complexo conjunto de relações entre mídia, vida social e produção de sentido.

A filiação à Escola de Chicago é percebida em textos que tomam como referente o indivíduo para se pensar as inter-relações estabelecidas, seja nas comunidades às quais pertence ou frequenta, seja na recepção de uma

telenovela ou programa radiofônico ou jogo de futebol ou ainda conversação face a face. São estudos eminentemente urbanos e que trazem marcas da cidade e sua composição.

Sob certo aspecto, interessa aos articulistas vinculados a essa matriz entender como ocorrem e são acionadas as dinâmicas interacionais, o que amplia o foco das análises: se antes havia determinada concentração nos estudos de audiências, agora predomina a discussão sócio-histórica que conjuga aspectos e angulações da comunicação aos da Sociologia.

A noção de identidade, cara a essa matriz, fornece elementos para a compreensão da interação: se os processos e produtos midiáticos colocam em circulação sentidos, logo a constituição das identidades apresenta elementos comuns, partilhados. Nesse ponto, a interação assume novos contornos: é, ao mesmo tempo, reflexiva e objeto de negociação. Numa pesquisa de telenovelas, por exemplo, os grupos estudados negociam os sentidos e processos de apreensão, bem como na recepção coletiva de uma partida de futebol. A televisão também é pensada de modo reflexivo, visto que as representações sociais têm como substrato inter-relações que condicionam, entre outras características, estruturação e papéis sociais.

Aqui, parece haver outro deslocamento: se antes o espaço doméstico era o *locus* privilegiado das análises, agora o processo mesmo de recepção e fruição interessa, imprimindo um olhar mais amplo acerca da recepção coletiva e suas dinâmicas.

A dimensão interacional ocupa lugar central nessa matriz (interação com áudio, imagem, sistemas peritos) e se aproxima de outros termos e noções: sociabilidade, espaço de conversação, compartilhamento e comunidade.

Literária

A Matriz Literária compreende somente dois *papers*, contudo, sua relevância se deve à visada dos articulistas: ao compreenderem o texto como obra aberta e *sígnica*, ampliam o foco de análise, considerando os processos de codificação e decodificação dos conteúdos. O recorte não leva em conta somente a produção ou recepção de modos atômicos, mas os percursos, espaços e feixes de entendimento entre essas instâncias. Por conseguinte, a interação é permeada por esses espaços, mediados ou não. Assim, pesquisas de interação entre texto e leitor ou espectadores e ficção televisiva ganham importância na década aqui estudada.

Nessa matriz, duas passagens relevantes para a construção do CT das IC/M são de autoria dos articulistas. Ao todo seis autores/obras foram citados, sendo as autoras brasileiras com maior número de menções Vera Teixeira

de Aguiar e Maria da Glória Bordini, com a obra *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, de 1993, citadas em cinco trechos. Os estudiosos alemães tiveram destaque: Hans Jauss, em três passagens com o texto “A estética da recepção: colocações gerais”, de 1970, e Wolfgang Iser, citado duas vezes com a obra *The fictive and the imaginary: charting literary anthropology*, de 1993. Umberto Eco também foi mencionado duas vezes, com os livros *A obra aberta*, de 2003, e *Viagem na irrealidade cotidiana*, de 1984. A autora Regina Zilberman teve uma obra referenciada.

Aliada à visão interacional da recepção com a contribuição de Aguiar e Bordini (1993), essa matriz apresenta dimensão estética, de ativação das percepções e gostos. É relevante notar a introdução da noção de performance no contexto da interação, em referência a determinadas posturas ou ações que não necessariamente correspondem ao real cotidiano. Nos dois textos, a vertente predominante é *Estética da Recepção* a partir das contribuições de Iser e Jauss, que concebem a obra ou texto literário como dinâmicas ou processos comunicativos, sempre (re) atualizados de acordo com o repertório dos sujeitos. Texto e leitor, portanto, estão mergulhados em horizontes históricos, partilhando o mesmo contexto ou universo cognoscível e linguístico.

Apontamentos reflexivos finais

Retomamos a pergunta que norteia este trabalho: o que há de interacional e midiaticizado nos *papers* apresentados nos encontros anuais da Compós durante a primeira década de 2000?

Qualquer tentativa de resposta, é preciso ressaltar, será provisória, sobretudo se considerarmos que, dentre os seis GTs selecionados, apenas o de Recepção recebeu tratamento qualitativo de seus *papers*. É preciso reconhecer a complexidade de tal questão tendo em vista a amplitude do universo da metapesquisa e as interfaces com outros saberes presentes no *corpus* desta investigação, como também a diversidade de perspectivas teórico-metodológicas e objetos empíricos investigados pelos articulistas. Entretanto, mesmo levando em conta tais desafios, os *papers* analisados fornecem pistas de cunho epistemológico que nos possibilitam fazer certas inferências sobre o capital teórico das IC/M.

Ressaltando um dos pressupostos de Braga (2010)¹⁴ de que a formulação teórica pode derivar do conhecimento empírico, transpondo elementos episódicos e singulares

14 Esse pressuposto se encontra em capítulo do livro da Compós, de 2010, intitulado “Análise Performativa: cem casos de pesquisa empírica”. Embora esse estudo não tenha sido finalizado, as reflexões desenvolvidas por seu autor, José Luiz Braga, trazem contribuições fundamentais para a discussão sobre os resultados da análise parcial da metapesquisa abordada neste *paper*.

para produzir níveis abstratos de reflexão, é possível inferir que parte expressiva das investigações empreendidas pelos articulistas do GT de Recepção revela que o capital teórico da IC/M está sendo construído em conexão com a empiria investigada. A angulação comunicacional presente na maioria dos *papers* é resultado principalmente da contribuição desses articulistas, que acionam fértil referencial teórico para mostrar as contribuições específicas de suas pesquisas e reflexões.

A análise de cada unidade de texto nos possibilitou, portanto, leitura transversal e articulada permitindo vislumbrar as complementaridades entre matrizes teóricas, vertentes de estudo e conceitos, como também os encaminhamentos para visão mais abrangente do que se entende por Comunicação. Nessa direção, as interações tanto aparecem como operadores de análise e compreensão da realidade concreta quanto constituem conceitos e noções caras às reflexões que entrecruzam os saberes comunicacionais. Inferências como essa nos levam a compreender o valor de tal CT para a consolidação do próprio campo. Trata-se de transpor casos isolados e pontuais em favor de uma diversidade potente para a compreensão cada vez mais alargada dos processos de interação entre os sujeitos e desses com o mundo que os cerca, especialmente no que tange aos aspectos da midiática, cada vez mais presentes na vida cotidiana. Ou seja, esta metainvestigação revela a potência do CT das IC/M para a consolidação das pesquisas no campo da Comunicação em sua perspectiva interacional.

Referências

- ALMEIDA, Heloisa Almeida. 2003. *Telenovela, consumo e gênero: muitas coisas*. Bauru, EDUSC.
- BAUER, M. 2004. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M. BAUER; G. GASKELL, *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem, som: um manual prático*. Petrópolis (RJ), Editora Vozes, p. 189-217.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. 1993. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2ª ed., Porto Alegre, Mercado Aberto.
- BRAGA, J.L. 2001. Interação & Recepção. In: Antonio FAUSTO NETO (org.), *Interação e sentido no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 109-136.
- BRAGA, J.L. 2004. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. In: ENCONTRO COMPÓS, 13, São Bernardo do Campo (SP). Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação.
- BRAGA, J.L. 2010. Análise Performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: José Luiz BRAGA; Maria Immacolata LOPES; Luiz Claudio MARTINO (org.), *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo, Editora Paulus/COMPÓS, p. 403-423. (Coleção Comunicação).
- BRAGA, J.L. 2011. Constituição do campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, Unisinos, 25(58):62-77, jan.-abr.
- BRAGA, J.L. 2006. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo, Paulus.
- ECO, Umberto. 2003. *A obra aberta*. São Paulo, Perspectiva.
- ECO, Umberto. 1984. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma “analítica” da midiática. *MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo*, São Paulo, ECA/USP, 1(2):89-105.
- FAUSTO NETO, A. 2015. Pisando no solo da mediatização. In: *Comunicação e linguagem: novas convergências*. Livro de Homenagem ao Prof. Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, p. 235-254.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2007. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamento. *Revista Diálogos Possíveis*, Faculdade Social da Bahia (FSBA), Salvador, FSBA, 6(2):7-27.
- FAUSTO NETO, A. 2009. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. In: XVIII ENCONTRO DA COMPÓS – GT Recepção, Usos e Consumos Midiáticos. *Anais...*, Belo Horizonte, p. 1-13.
- FAUSTO NETO, Antonio. 2009. Epistemologia do zigue-zague. In: I SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.projeto.unisinos.br/midiaticom/conteudo/artigos/2009/Seminario_sl_Procad_2009.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2017.
- FERRARA, L. 2012. A comunicação entre hábito e consciência. Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), Juiz de Fora.
- FERRARA, L. 2003. Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: M.I.V. LOPES (org.), *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo, Edições Loyola, p. 55-67.
- FRANÇA, V. 2001. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? Texto apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação. In: X ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), Brasília.
- FRANÇA, V. 2008. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: A. PRIMO et al. (org.), *Comunicação e Interações*. Livro da Compós. Porto Alegre, Sulina, p. 71-91.
- GIDDENS, Anthony. 1993. *A transformação da intimidade*. São Paulo, Editora Unesp.
- GIDDENS, Anthony. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora Unesp.
- HALL, S. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- HEPP, A. 2015. Interação humana e configurações comunicativas: transformações culturais e sociedades midiáticas. *PARÁGRAFO – Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM*, São Paulo, FIAM-FAAM, 2(3):75-89, jul./dez. .
- ISER, Wolfgang. 1993. *The fictive and the imaginary: charting literary anthropology*. London, The Johns Hopkins University Press.
- JAUSS, Hans. 1970. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: Luiz Costa LIMA (coord. e trad.), *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 67-84.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- MATA, Maria Cristina. 1999. De la cultura masiva a la cultura mediática. *Revista Diálogos de la Comunicación da Felafacs*, Fede-

- ración Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social, 56:80-91.
- SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Vozes.
- THOMPSON, John B. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Vozes.
- THOMPSON, John B. 1995. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes.
- VERÓN, Eliseo. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Revista Diálogos de la Comunicación da Felafacs*, Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social, 48:9-16.

Artigo submetido em 29-07-2016

Aceito em 23-01-2017